

GRUPO
LOBO

Homens & Lobos

A propósito da Páscoa

Chegados à Páscoa, os cristãos celebram aquele que é o ponto central da sua fé: a morte e ressurreição de Jesus Cristo. Em todo o nosso País, sucedem-se as manifestações de religiosidade popular, por vezes de grande impacto cénico e pirotécnico, como a famosa "queima do Judas", em que bonecos de palha e jornais, a representar o apóstolo traidor, são maltratados, às vezes enforcados e por fim destruídos com explosões espectaculares.

Esta tradição do Sábado de Aleluia é um eco de celebrações muito antigas, dedicadas a marcar a passagem das dificuldades do Inverno para as promessas da Primavera. Nessa data, era tradição dos países católicos que se apagassem todas as velas das igrejas, depois um novo fogo iria acender a vela pascal, que comunicaria a sua chama a todas as velas apagadas, voltando a dar luz aos espaços sagrados.

De forma reveladora, outras nações queimam efígies da "Bruixa" ou do "Velho". Em países do Leste europeu, da Polónia à Rússia, a deusa Marzanna (ou Morena, entre outros nomes) é atirada à água ou também queimada, sempre para assinalar o fim das provações da estação mais cruel. Mas a vítima preferida, do Brasil à Alemanha, parece ser mesmo Judas Iscariote.

Pelo menos, estes costumes não apresentam como "maus da fita" os animais predadores, mormente o lobo. Sendo certo que meses de frio intenso, como Janeiro ou Fevereiro, foram dedicados ao lobo. Por exemplo, tribos índias chamavam "Lua do Lobo" às luas cheias de Janeiro; os saxões baptizaram esse mês como "Wulfmonath", o mês do lobo; a mesma designação é ainda hoje dada pelos bascos a Fevereiro – "Otsaila". A explicação é natural: aguilhoados pela fome invernal, os predadores tornavam-se mais atrevidos e causavam mais danos ao gado.

Voltando à nossa Páscoa cristã, temos que o lobo não goza de uma reputação propriamente agradável, na Bíblia. Na dúzia

de ocasiões em que ele ali é mencionado, surge sempre como sinónimo de crueldade, de ameaça, de enviado do mal; o que também não é de estranhar se tivermos em conta a sua abundância no antigo Médio Oriente e o seu carácter noctívago e astucioso. Cristo usa mesmo o predador como símbolo das dificuldades e provações que os crentes sofrerão: "Eis que Eu vos envio como cordeiros para o meio dos lobos." Já o profeta Isaías evoca este animal mítico para evocar o reino de harmonia e paz que o Messias deveria trazer ao mundo: "O lobo e o cordeiro juntos se apascentarão (...) Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte".

Mas nem em todas as latitudes o lobo é malquerido pelas religiões. Como já vimos, os romanos atribuíam a uma loba a salvação dos dois fundadores da sua capital. Vilnius, na Lituânia, foi iniciada após um nobre ter sonhado com um lobo. Na Mongólia e em algumas regiões da China, o lobo é reverenciado, até mesmo como antepassado de toda a Humanidade. Aqui e no Japão, a sua efígie é considerada um talismã. As tribos indígenas do continente americano, pelo menos as que não se dedicavam à pecuária, também viam este predador com bons olhos.

Mas Anubis terá sido, sabe-se agora, a divindade lupina mais importante. O guia dos defuntos rumo ao Além, na mitologia do Egipto antigo, foi durante muito tempo descrito como tendo as feições de um chacal dourado. Mas investigações genéticas recentes determinaram que aquele animal é, na realidade, um tipo de lobo: o lobo dourado, ou africano (*Canis anthus*).

Assim demos a volta ao mundo, regressando ao local de partida: a crença na vida para lá da morte. E à sua celebração maior, a Páscoa. Que a vossa seja vivida em paz e tolerância; mesmo para com os lobos...

Texto produzido no âmbito do Projecto LIFE Med-Wolf, co-financiado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.